

# O Círculo de Viena e a Filosofia (\*)

Newton Carneiro Affonso da Costa

Na doutrina do Círculo de Viena, a linguagem desempenha papel relevante. Os partidários da corrente austríaca, principalmente Carnap, chegaram, até, a afirmar que a filosofia nada mais seria que disciplina da linguagem ou, melhor, sintaxe lógica da linguagem científica.

As questões de qualquer campo teórico podem ser divididas em questões de objeto e em questões lógicas. As primeiras se referem aos objetos dos vários ramos do saber, como é o caso das indagações acerca de suas propriedades e relações. As questões lógicas, ao contrário, não se referem diretamente a objetos, mas versam sobre sentenças, termos, teorias, etc.; exemplos típicos destas questões são os problemas do significado, do conteúdo e da forma das proposições científicas. Assim, no domínio da zoologia, as questões de objeto concernem às propriedades dos animais, suas relações, etc., enquanto as questões lógicas estão ligadas com as sentenças da zoologia, as conexões entre elas existentes, o caráter lógico das definições zoológicas e outros temas semelhantes.

A palavra "filosofia", tradicionalmente, serve como designação coletiva de estudos de espécies muito diferentes, nos quais se acham incluídos problemas objetivos e lógicos. A filosofia clássica relaciona-se, em parte, com supostos objetos que não figuram nas ciências, tais como a "coisa em si", o "absoluto", e os "valores"; isto é precisamente o que acontece com a metafísica. Também se enquadram na filosofia, segundo a tradição, matérias pertencentes ao âmbito das ciências, por exemplo, "sociedade", "linguagem", "evolução histórica", "espaço" e "tempo"; êstes e outros tópicos análogos encontramos na filosofia natural, na filosofia da linguagem e na filosofia da história.

Assuntos lógicos ocorrem especialmente na lógica formal e aplicada e na epistemologia.

De acordo com Carnap e seus adeptos, os problemas lógicos são interessantes e merecem consideração. Entretanto, pensam que a perfeita análise das questões de objeto, de índole não científica, evidencia que as mesmas carecem de sentido cognoscível pleno, por constituírem meditações metafísicas e, em certos pontos, divagações irreais. Devem, por isso, ser deixadas à margem da filosofia. O restante forma, no conjunto, o que os positivistas vienenses chamaram de "filosofia científica".

A filosofia científica, como usualmente a concebemos, apresenta aspectos objetivos e lógicos. Apesar de seus objetos serem os mesmos das diversas ciências especiais, crê-se, de um modo geral, que o filósofo os encara sob um prisma diferente. Para o Círculo de Viena, porém, esta suposição é incorreta: todos os problemas da filosofia científica não passam de problemas lógicos. A aparência objetiva advém da maneira comum e enganosa de formulá-los. Em suma, a filosofia científica, isto é, para a escola austríaca, toda a filosofia, versa apenas sobre itens lógicos, os quais, naturalmente, se originam na estrutura da ciência. A filosofia, quando depurada dos elementos não científicos, pode ser definida, em consequência, como teoria da ciência.

Mas o grupo néo-positivista não se contenta com esta verdadeira "distilação" da filosofia. Sustenta, ainda, que a teoria da ciência se reduz à teoria da linguagem científica ou, mais exatamente, à sintaxe lógica da linguagem científica. Na acepção de Carnap, a sintaxe lógica de uma linguagem é a investigação das regras formais que regulam tal linguagem, o que equivale a dizer, das regras que não se referem ao significado dos símbolos linguísticos, mas unicamente às classes dêstes símbolos e à maneira de ordená-los, para a construção de orações.

Não podemos tratar, em detalhe, dos argumentos a favor da famosa tese vienense de que a filosofia é apenas sintaxe. Todavia, não há dúvida que a tese é bastante radical e de árdua defesa. O próprio Carnap teve de modificá-la, nos últimos anos, para evitar restrições excessivas, dela decorrentes, quanto aos limites da perquirição filosófica.

(\*) Trecho de uma conferência pronunciada na Faculdade de Direito da Universidade do Rio Grande do Sul, por ocasião da Primeira Semana Brasileira de Filosofia, celebrada em Porto Alegre, em outubro de 1952.